

# Um belo horizonte para o Controle Público

Inaldo da Paixão Santos Araújo

Presidente do Tribunal de Contas anfitrião Durval Ângelo, Autoridades presentes, Colegas dos Tribunais de Contas do Brasil e do exterior, Representantes das nossas entidades associativas e da sociedade civil, Amigas e amigos, Senhoras e senhores,

Boa noite!

“Nada a temer senão o correr da luta. Nada a fazer senão esquecer o medo” .

É com esse espírito destemido da Canção Caçador de Mim, de Luiz Carlos Sá e Sérgio Magrão, que nos reunimos aqui hoje.

Um espírito de coragem. Um espírito de travessia. Um espírito de construção.

Belo Horizonte, neste momento, não é apenas o palco deste Congresso. É também um local de reencontro.

Antes de continuar, preciso confessar — para alegria de muitos — que este meu discurso não pode, não deve e não será longo. Mas não poderia deixar de incluir nele um pouco de poesia, pois estamos em uma terra em que há um canto em cada esquina, em que o conhecimento é fonte e em que, por detrás dos montes, há sempre um belo horizonte.

Quando menino, havia em mim um sonho simples: viajar de ônibus. Durante meses, ia para a antiga rodoviária de Salvador apenas para ver partir aqueles veículos que levavam pessoas e histórias. Eu não sabia, naquele tempo, que aquele menino que sonhava com trajetos estava aprendendo algo essencial: planejar, imaginar, projetar caminhos.

Hoje compreendo que não há boa viagem sem planejamento. Sim, mais do que navegar, planejar é preciso.

E também não há bom controle sem propósito.

É com essa consciência, e hoje na condição de presidente do Instituto Rui Barbosa, que participo da abertura deste X Congresso Internacional de Controle e Políticas Públicas.

Reunimo-nos aqui para vivenciar um tema que nos impele a buscar a essencialidade dos Tribunais de Contas. Um tema intimamente ligado ao direito ao desenvolvimento e à cidadania: “Controlar para melhorar a vida das pessoas”.

E talvez não exista lugar mais simbólico para esse encontro.

Minas nos ensina que os caminhos mais profundos não são os mais ruidosos, e sim os mais consistentes, como na canção Clube da Esquina n<sup>o</sup> 2, feita de travessias, encontros e construção coletiva de homens e sonhos. Sim: “Porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos e sonhos não envelhecem”.

É isso que estamos fazendo aqui, construindo pontes, realizando sonhos.

Sou fruto da escola pública. Foi nela que aprendi não apenas conteúdos, mas valores que moldaram minha visão de mundo e de serviço público. Foi ali que compreendi que uma política pública não é um conceito abstrato. É destino, é oportunidade, é transformação. É liberdade no sentido mais puro que o desejo humano acalenta.

Ao longo da minha trajetória como auditor e conselheiro, amadureci uma convicção que hoje compartilho com as senhoras e com os senhores. E a compartilho com ainda mais firmeza.

O controle externo só faz sentido quando melhora a vida das pessoas.

Não basta apontar falhas, cumprir formalidades ou olhar para o passado.

É preciso ir além.

Vivemos um tempo de travessia.

Um tempo que exige mais do que técnica. Exige coragem.

As mudanças climáticas, a corrupção epidêmica, as desigualdades e os desafios da gestão pública nos colocam diante de escolhas que não podem mais ser adiadas.

E, como costumo dizer, sendo alguém apaixonado pelas contas e pelos contos, por trás de cada conta, há uma história, há sonhos. Por trás de cada decisão, há vidas que esperam por dignidade, por oportunidade e por justiça.

Como professor, aprendi que o conhecimento só faz sentido quando é compartilhado.

Como conselheiro, compreendo que o controle precisa orientar, dialogar e ajudar a construir caminhos.

E, como poeta, sigo acreditando que é preciso sensibilidade para não perder de vista aquele que é o essencial: o ser humano. O poeta também é um sonhador, e é muito bom que seja assim, pois, como dizem Milton Nascimento e Fernando Brant na canção Coração Civil, “Se o poeta é o que sonha o que vai ser real, vou sonhar coisas boas que o homem faz e esperar pelos frutos no quintal”. Portanto, levemo a vida com mais leveza e com mais poesia.

O Instituto Rui Barbosa tem sido um protagonista nessa transformação do controle público, graças a ações de abnegados membros e servidores que não se cansam de sonhar. Aproveito para homenagear todos eles na pessoa do Conselheiro Sebastião Helvecio, um homem à frente do seu tempo e o idealizador deste Congresso.

Sim, o IRB tem sido e continuará sendo a locomotiva desse trem bom, que trilha rumo ao aprimoramento do controle público brasileiro.

Como a Casa do Conhecimento dos Tribunais de Contas do Brasil, o IRB promove a qualificação técnica, a produção científica, a troca de experiência e a integração. Esse esforço coletivo tem

gerado impactos concretos, como auditorias mais qualificadas, avaliações mais consistentes e uma atuação cada vez mais pedagógica e transformadora.

Mas nada disso se faz sozinho. Há os que idealizam. Há os que constroem. E há aqueles que, nos bastidores, tornam tudo possível.

Porque grandes realizações, assim como grandes políticas públicas, também são feitas de trabalho silencioso.

Chegar à décima edição deste Congresso não é apenas um número.

É a afirmação de uma trajetória construída sobre dois pilares, qualidade e relevância.

Qualidade no que se debate.

Relevância no impacto que se produz.

E aqui não viemos apenas ensinar.

Vemos, sobretudo, para aprender.

Aprender com experiências internacionais, como as de Portugal, as da Espanha, as das nações africanas de língua portuguesa, em especial as dos nossos irmãos de Angola e de São Tomé e Príncipe, ampliando horizontes, formalizando protocolo de cooperação e fortalecendo laços.

A descentralização das políticas públicas fortalece a democracia ao aproximar o Estado da sociedade. E a agenda global, especialmente no contexto da COP 30, nos desafia a pensar um desenvolvimento que seja sustentável, inclusivo, sem desigualdade e possível.

E como debater sustentabilidade e desigualdade sem nos lembrarmos da poesia do mineiro Beto Guedes, que, em Sal da Terra, nos ensinou: “Vamos precisar de todo mundo / Um mais um é sempre mais que dois / Pra melhor juntar as nossas forças / É só repartir melhor o pão / Recriar o paraíso agora / Para merecer quem vem depois”.

Nesse cenário, os Tribunais de Contas precisam reafirmar sua relevância e sua essencialidade. Não como instituições distantes, mas como instituições vivas, próximas da sociedade e orientadas para resultados.

Porque controlar não é impedir. Controlar não é paralisar. É orientar. É melhorar.

Melhorar políticas públicas. Melhorar a gestão. Melhorar a vida das pessoas.

E talvez seja exatamente esse o nosso chamado neste momento: fazer e não esperar acontecer.

Assim como nas montanhas mineiras, onde cada curva revela um novo e belo horizonte, o nosso trabalho também é feito de percursos contínuos, do aprendizado constante e da construção coletiva que sabe fazer.

Não há atalhos. Há compromisso. Há conhecimento. Há cooperação.

Senhoras e senhores, que este Congresso seja um marco. Um marco na consolidação de um controle externo mais moderno, mais humano e mais efetivo. Um marco na construção de soluções inovadoras para os desafios do nosso tempo. Um marco na reafirmação do nosso compromisso com a cidadania, com os direitos humanos e com o desenvolvimento.

E que, ao final desses dias, possamos sair daqui melhores do que chegamos. Mais preparados. Mais conectados. Mais conscientes da missão que nos une.

Que este Congresso seja mais do que um encontro de ideias. Que seja um espaço de compromisso. Compromisso com um país mais justo. Com instituições mais fortes e perenes.

E, sobretudo, com pessoas que não podem mais esperar e que não podem ficar para trás.

E, quem sabe, com o mesmo brilho daquele menino que um dia olhava o ônibus partindo rumo a um belo horizonte, mas que hoje entende que o verdadeiro destino não é a viagem em si, mas aquilo que fazemos ao chegar.

E neste ponto, convido todos a sentir as palavras de Adélia Prado, poeta mineira de Divinópolis. Ouçam o que ela diz sobre o trem, um dos maiores símbolos desta terra: “Um trem-de-ferro é uma coisa mecânica, mas atravessa a noite, a madrugada, o dia. Atravessou minha vida, virou só sentimento.”

No fim das contas, e dos contos, é disso que se trata. De sentimento. Fazer com que o controle público alcance a vida real e agregue valor e bem-estar para a sociedade. Com este propósito, estamos todos juntos numa viagem em que os vagões se alinham para conduzir os cidadãos ao melhor destino, marcado pela dignidade, pelo bem-estar social, repiso, e pelos bons índices de desenvolvimento humano. Fazer com que o controle público alcance a vida real, seja exemplo, e agregue valor para a sociedade.

Nessa viagem, a esperança não deve ser apenas discurso, mas caminho, pois “quero a utopia e tudo o mais”.

Que na nossa metáfora de “trem bão”, a linha férrea nos conduza por uma jornada igualmente boa de trabalho, união e intercâmbio de conhecimentos aqui e alhures. Dessa forma, poderemos vislumbrar o belo cenário de Minas, que sugere o título deste discurso: “Um belo horizonte para o controle público”. É o que desejo e sonho.

Afinal como diz o poeta português António Gedeão no poema Pedra Filosofal: “Eles não sabem, nem sonham, que o sonho comanda a vida. Que sempre que um homem sonha o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança”.

Bons sonhos. Muito obrigado!

Inaldo da Paixão Santos Araújo é Mestre em Contabilidade, Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, Professor da Universidade do Estado da Bahia, Presidente do Instituto Rui Barbosa, Escritor.  
inaldo\_paixao@hotmail.com